

(28-09-2020)

Artes de rua

Rúben Silva

Boa tarde, creio que já estamos on, finalmente, peço imensa desculpa em nome de toda a equipa por este atraso, tivemos aqui alguns problemas técnicos.

De momento estamos apenas com o Xavier, e comigo, vou fazer a ponte nesta conversa, isto é uma conversa que se quer de forma simples, descontraída, mas que seja importante para todos nós também, sobre um tema que muitas vezes é tão marginalizado como as artes de rua, e a importância que as mesmas têm para a nossa vida, para a nossa sociedade e nomeadamente para as grandes cidades, e para a nossa cidade Funchal. Fomos convidados pela equipa do Teatro Municipal Baltazar Dias, para fazermos esta conversa, e infelizmente aqui o Duarte e o João estão com algum problema em conseguirem entrar nesta plataforma, mas decidimos em conjunto começarmos esta conversa, e aproveitar a presença já do, daqui do nosso amigo Xavier, para ir adiantando alguns temas e para não fazer esperar mais eventuais pessoas que já estejam a participar nesta conversa, e tentar cumprir ao máximo com o horário.

Bom, Xavier, não sei, se calhar o ideal é começarmos por te apresentar, eu acho que toda a gente conhece o Xavier, é uma pessoa que eu admiro muito pessoalmente, tem uma capacidade de trabalho incrível, já vejo os trabalhos dele há muitos anos, e agora tem esta oportunidade também de expressar por si, e pelo próprio as suas opiniões e aquilo que é importante também, sobre as artes de rua.

Xavier, queres começar por te apresentar?

Xavier Miguel

Viva, boa tarde.

Vou apresentar-me.

Eu sou artista de rua, fundamentalmente, já que o tema também é sobre isto, mas sou ator de formação, e tenho vindo a trabalhar teatro, um pouco por todo o país, mas nos últimos anos, desde que voltei à Madeira, tenho trabalhado mais aqui na região.

Então eu comecei por fazer o curso de teatro do conservatório, na altura no Funchal, depois continuei os estudos a nível superior, na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo. Depois também pude trabalhar lá, principalmente em teatro de rua, trabalhei com a companhia de teatro Viv'Arte, que fazia fundamentalmente eventos de recriação histórica, feira medievais, romanas, mas também outros géneros de espetáculos de rua, e entretanto a partir daí, pude trabalhar com outros grupos, não só a nível do teatro infantil, como também do novo circo, que é uma disciplina onde também tenho vindo a desenvolver algum trabalho, nesse sentido, e pronto, e depois de voltar à Madeira, depois de terminar o curso e ter alguns trabalhos, tenho vindo a colaborar como ator, fundamentalmente, com o Teatro Experimental do Funchal, trabalho também com a Casa Invisível, com a minha colega Catarina Claro, no serviço educativo dos vários espaços da Câmara Municipal do Funchal, fundamentalmente o Teatro Municipal Baltazar Dias, eu acho que a nível do teatro de rua, pudemos ter uma, vou considerar que tivemos algum destaque na organização do Festival de Teatro de Rua, no ano passado, Festival de Teatro de Rua do Funchal, era mesmo só na cidade do Funchal, foi uma colaboração entre a Câmara Municipal do Funchal e o Inatel. Este ano, haveria novamente o mesmo festival, mas devido à pandemia, já demais conversada e estudada...

Rúben Silva

Olha Xavier, esse festival, principalmente esse último que falas, foi importante para a cidade do Funchal, eu vi, tive oportunidade de ver o último espetáculo, o espetáculo de encerramento do festival, de que forma é que tu achas que este tipo de festivais e este tipo de organizações podem promover e contribuir para as artes de rua no geral? Até porque as artes de rua têm um leque bastante grande no que diz respeito...

Xavier Miguel

Essa ideia de que a arte de rua, não só o teatro, música, etc., toda a arte de rua é na verdade a mais antiga forma de arte, porque antes de se decidir fazer arte dentro de um edifício fechado, fazia-se arte na rua. E a arte tinha uma função religiosa, e tudo vem daí, portanto, havia uma necessidade por parte do homem, e...

Rúben Silva

Inicialmente crê-se que sejam, que tenha sido pelos gregos e romanos, se bem que esta ideia de artes de rua, quase mais conhecida por, que depois ficou conhecida no mundo inteiro, começa na década de setenta nos Estados Unidos, não é assim?

Xavier Miguel

É assim, era muito interessante falarmos da perspetiva histórica, mas o teatro de rua, é a forma mais antiga de teatro, o teatro já existia antes da Grécia Antiga, isto é a nossa ideia ocidental, ocidentalocentricos de que o teatro surgiu na Grécia, é mentira, o teatro existia antes da Grécia, já existia nos rituais fúnebres da antiga Suméria, e existia nas religiões pagãs

pré-Suméricas, ou seja, o homem quando começou a falar, a fazer trocas comerciais, a tornar-se sedentário, entre outras, quando deixou de viver de um lado para o outro em tribos, começou a construir as suas casas, surgiu a necessidade de celebrar o ser divino, que na altura eram as energias da natureza, e por isso, o ser humano representava essas divindades, portanto, a agricultura, a colheita, os frutos que cresciam, e nisso tudo, o ser humano representava histórias, em que contava como a agricultura florescia, e isso atraía boa sorte, e aí surge o teatro, a dança, a música, a representação, a performance, o que for, surge dessa necessidade e também aí, surge a questão de que adaptamos o movimento e a voz e todo o corpo do interprete, que nesta abordagem é o xamã, o líder espiritual de uma tribo, que se apropriava dos elementos da natureza, onde a sua própria tribo vivia, por exemplo, se viviam nas montanhas, podiam-se apropriar de grutas, cavernas, de formas naturais das montanhas, onde realizavam esses rituais, e aí podemos ver o primeiro elemento, que é o espaço, a relação entre o que se está a fazer, seja um ritual religioso, seja um debate político, seja um espetáculo de teatro ou um concerto de música, há uma relação fulcral com o espaço onde está a ser desenvolvido, e é nesse sentido, que o festival foi importante, porque colocou-nos...

Rúben Silva

Exatamente, o que tu tentas inicialmente com este festival, tu és o diretor do festival, o que tu tentas com esse festival, é de alguma forma trazer para o presente, o presente século, outra vez explorar essa vertente do teatro, mas não de uma forma religiosa, agora de uma forma mais contemporânea.

Xavier Miguel

Sim, sim.

Paulo

Pronto, porque eu quando te perguntava a questão da importância do teatro, desses festivais de teatro para a rua, era exatamente para também que as pessoas depois percebam, e como tu disseste, e bem, que é uma arte tão antiga, e que depois isto tem um peso social, e toda a comunidade depois também pode ser envolvida nisto, de uma forma democrática, tu estás ali a fazer e a apresentar seja lá qual for o tipo de espetáculo e a pessoa é livre de ficar, parar, assistir, ou não assistir, e é uma liberdade tanto por parte dos artistas, como por parte de quem assiste.

Olha, nós tínhamos aqui umas linhas orientadoras, para desenvolver esta conversa, como sabes, e seria interessante que o Duarte e o João já estivessem na conversa, mas não sei se ainda é possível, parece-me que não, eu não sei se se calhar tentávamos seguir um bocadinho destas linhas que foram debatidas, até porque sei que estás preparado para responder a algumas delas, e para também completarmos esta, este trabalho de casa que foi feito pelo Teatro Baltazar Dias. Então aqui na primeira linha orientadora nós tínhamos a questão das artes de rua, como promotores do património, do diálogo e reflexão sobre a cidade. Pegando um bocadinho nesta linha, de que forma é que tu achas, e agora pedia-te a tua opinião enquanto artista de rua, e não só, apenas direcionada para o teatro, de que forma é que achas que as artes de rua podem promover o património, o diálogo e a reflexão sobre a própria cidade em si.

Xavier Miguel

Pois, pegando nessa perspetiva histórica, o essencial é essa ligação entre a experiência da sociedade, e do grupo, e os ideais que ela defende, os ideais culturais, patrimoniais, como todas as formas de arte, representam um povo,

ou uma determinada sociedade, num determinado período e como todas as outras formas de arte, reflete esse mesmo povo que faz essa arte. A nível do património edificado, por exemplo, eu acho que o teatro de rua, ou a arte de rua em geral, possibilita novas

formas de ler, os próprios edifícios, por exemplo, os concertos numa dada praça da cidade, fazem por exemplo, com que a iluminação desses concertos dê uma outra cor, uma outra ambiência a toda a praça, e isso dá também uma nova vida à praça.

Em ruas muito pequenas, por exemplo, poderia-se criar atividades que condicionam facilmente a circulação da rua, e isso tem implicações diretas com a circulação das pessoas, a reflexão sobre a cidade, nós também temos de pensar que o teatro de rua também é feito não só na cidade, porque a definição de teatro de rua, é, todo o teatro que não é feito num espaço convencional, espaço convencional é um palco fechado, tapado, e toda a arte de rua, tem de ser feita no exterior desse, não tem necessariamente de ser numa cidade, pode ser no mar.

Rúben Silva

Exato.

Essa forma que chamavas, quando falas dos edifícios, é um bocadinho também criar e fazer a ponte, as artes com aquela premissa que, as artes de rua, criam esta harmonia entre a arquitetura, a história, a cultura de um povo. Nós conseguimos perceber isso nas outras áreas de expressão artística, como os grafites, como os stencils, e outras técnicas que são adotadas para os artistas manifestarem esta sua expressão e estas suas vontades.

Uma das seguintes questões, destas linhas orientadoras, falava um bocadinho da arte como intervenção política, e aqui esta questão pode ser um bocadinho mais delicada, mas no fundo, esta intervenção política, quando se fala de intervenção política, é quando estamos na rua e as nossas

expressões, a forma como são projetadas, muito mais visíveis, a partir disto, acredita que poderão se criar novos públicos, ou nem por isso?

Xavier Miguel

Sim, acredito.

A questão política tem duas abordagens, quer dizer, a própria produção do espetáculo de arte de rua, e a questão do espetador, pode por exemplo a arte, ser usada como propaganda, e na rua isso funciona bastante bem, pode ser usada como manifestação anti-sistema, ou pró-sistema, qualquer uma das duas, porque há efetivamente uma eficácia muito maior em realizar uma intervenção na rua, agora essa intervenção, pode ser ou não artística, vamos ficar com as artísticas, mas há uma maior amplificação da voz individual, mas atualmente.... [cortes de som] não há censura em termos do conteúdo do que estamos a apresentar, mas a arte de rua sempre teve essa característica de quase funcionar no contra poder, não estou a falar necessariamente do poder político e administrativo, estamos a falar de um contra poder artístico ideológico... Durante a idade média, a igreja proibiu que houvesse teatro, e então haviam saltimbancos, os saltimbancos faziam coisas a gozar com a igreja, e isso manteve-se, até que a igreja percebeu que ganhava mais se os atores contassem as histórias da bíblia, neste caso a igreja católica, estamos a falar da história do ocidente. E a partir daí, o teatro tornou-se um instrumento de transmissão, conhecimento. Nos anos sessenta, com todo o movimentos pós punk, e todas as revoluções que assistimos nas artes, fundamentalmente nas artes plásticas, e performativas, criou-se uma nova voz, em que já não estamos a viver o paradigma do teatro erudito ou popular, estamos a falar no paradigma do artista que tem algo para dizer, ou algo para criticar, e não só do artista que entretém, e aí, foi uma descoberta de uma nova potencialidade da arte de rua, que eu penso que é uma das formas que hoje em dia, quando falamos entre artistas, por

exemplo, ou para um público que trabalha na arte de teatro de rua, ou em música de rua, as pessoas pensam logo na questão, intervenção, é quase um apêndice, não tem de ser só isso, mas necessariamente acaba por ser, porque senão, as pessoas não precisam de ir para a rua, quando alguém tem um espetáculo para mostrar, e tem um teatro onde o mostre, e tem um público que vai vê-lo, não há necessidade de ir para a rua, ou seja, tem de ser feito com intenção, se fazemos algo na rua, artístico, isso deve fazer parte, portanto, deve fazer parte desse espetáculo, desse trabalho, dessa vontade de dizer alguma coisa.

Rúben Silva

No fundo, o transmitir mensagens para o público.

O que eu mais acho interessante, se bem que eu estou numa posição, não estou na questão opinativa, mas não deixo de fugir a essa regra, a grande intenção destas mensagens que são passadas, é questionar verdadeiramente o público?

Quer quando assiste a uma pintura de rua, quer quando assiste a um malabarismos, ou um espetáculo de teatro, enfim.... [cortes no som]

Acho que a grande questão aqui é o questionar.

Existe também uma certa inclusão, uma inclusão social, achas que existe um certo potencial na arte de rua para uma inclusão social, ou achas que não?

Xavier Miguel

Ter potencial tem, é preciso pensar de que maneira, e isso é uma questão realmente pertinente, está-me a fazer pensar...

Há uma coisa, fazer arte na rua não é tão confortável como fazer arte num palco, isto porque uma pessoa que está na rua, está constantemente atreita a ser abordada por uma pessoa, qualquer pessoa pode interromper o que

esse artista está a fazer, e por exemplo, o teatro amador, o teatro, a música, a arte amadora na rua, das duas uma, ou caleja e torna-se profissional, ou não evolui, e a pessoa fica... pronto... é difícil... é difícil amadurecer nesse sentido. E por isso, eu penso que, atividades com a sociedade podem ser interessantes, mas mais o sentido que o Hugo, da Associação Olho-te, eles trabalham muito bem, porque eles fazem atividades performativas, em que juntam a sociedade e depois mostram o que eles fizeram, o que eles construíram, o que eles ensaiaram, o que eles escreveram, mostram para a cidade ou para a comunidade do exterior, e aí há segurança e há um outro conforto para trabalhar.

E eu penso que sim, pode passar por aí a mudança social.

Também há um outro tipo de trabalho interessante do Teatro do Oprimido, do Augusto Boal, em que eles criavam na cena, representavam situações de violência, de crimes, e isso obrigava as pessoas que estavam a assistir a ter uma atitude crítica sobre isso, seria interessante ver algum tipo de trabalho desses aqui na nossa região.

Rúben Silva

Olha, quem sabe para o teu próximo festival.

Olha, uma das outras questões destas linhas que nós tínhamos aqui para seguir, tinha a ver com, acho que já falamos um bocadinho disto, mas podemos explorar um bocadinho mais esta questão.

A arte de rua, para quem? Para quem na tua opinião é a arte de rua?

Xavier Miguel

Voltando outra vez, a arte de rua é para todos, porque a arte de rua é a única arte totalmente e perfeitamente democrática, é para toda a gente, e toda a gente é espetador ativo, quando não é participante, é espetador ativo, seja

porque consente em estar a assistir, ou seja porque não consente e não quer assistir e vai-se embora.

É sempre ativo, e por isso é que é democrático, porque a rua também é de todos, idealmente qualquer um poderia mostrar o seu trabalho, se assim quisesse, e pode, efetivamente, desde que respeites as questões lógicas de...

Rúben Silva

Se bem que aí estamos a entrar numa questão onde certos artista, colegas e muitos deles anónimos já não concordam muito bem, como deves conhecer. Sabes que há muitos artistas de rua que depois são considerados atos de vandalismo, mas para eles, a única forma de comunicar e de expressar a sua arte é fazer e exprimir, expressar a sua arte de forma não [Xavier Miguel – não politicamente correto], ou seja, de forma não legal [Xavier Miguel - exato] exatamente, portanto, e que depois são considerados vândalos, mas para eles não, para eles estão a comunicar da forma mais genuína possível e este aqui é um assunto delicado que eu também te queria colocar esta questão, de que forma é que achas que essas manifestações de arte são mais ou menos importantes do que aquelas que são organizadas e pensadas e de certa forma controladas, vá lá, por alguma organização, por exemplo o teu festival ou até o Madeira Street Art Festival.

Xavier Miguel

Sim, um evento como os festivais que acabaste de referir, são organizados e permitem que o público se organize, o espetador interessado pode-se organizar para ir assistir desde o início ao fim, mas uma pessoa quando cria, o verdadeiro espetáculo de rua, esse espetáculo tem de ser criado, tendo em conta que as pessoas não vão estar lá à hora certa para assistir desde o

início. O verdadeiro ato de intervenção na rua, ou do espetáculo de rua, começa para cada pessoa em alturas diferentes e isso também é tornar a experiência única, e é diferente...

Rúben Silva

Aquilo que eu te falava era uma questão de liberdade não é? Se bem que os artistas de rua principalmente, trabalhei com alguns, intitulam-se como artistas livres e até muitas vezes nem gostam de estar presos a algumas instituições.

A maioria deles são pessoas que não põem em causa a liberdade do outro e aqui há um princípio que eu também gosto sempre de lançar em jeito de observação, que a liberdade do outro, a nossa liberdade termina quando a do outro começa, mas ao mesmo tempo, dada a várias estereótipos, a várias formas de ver a vida que estão interiorizadas na sociedade, estes artistas sentem esta necessidade de expressar a sua arte e que muitas vezes são mesmo muito bons e talentosos de forma a dar aqui um choque, chamar a atenção de forma mais intensa e de forma mais anormal, vá lá, para as questões da sociedade, do dia a dia, aquilo que eles consideram que está mal, então criam estas formas de... representativas ou até figurativas de manifestarem a sua ideia ou a sua revolta, ou assim.

Xavier Miguel

Isso aí já é entrar quase num, arte de rua é filosófica, porque quando um artista quer pôr o espetador a pensar então esse é o objetivo da filosofia, é levantar questões, e há outra questão que é o entendimento? Não é? Se a arte de rua [Rúben Silva – Diz-me uma coisa, agora que [cortes no som]] for verdadeiramente prática deverá ter estes dois aspetos, na minha opinião.

Rúben Silva

Pronto, era aí que eu queria, estava um bocadinho a puxar também para perceber o teu lado, também acho que como artista consegues compreender aqueles que o fazem sem essa instit... sem estar institucionalizados ou vinculados com alguma instituição.

Antes de avançar para a última linha orientadora, e pegando também nesta linha de arte de rua para quem? Como é que tu vês, e antes disto, como é que começa a tua paixão pela rua, pela arte de rua?

Xavier Miguel

Começa, isto é uma resposta pessoal, não é? A minha paixão pela arte de rua começa a partir do momento que eu começo a ver pessoas que nunca tinham ido ao teatro a usufruir de um espetáculo, que no meu caso é o teatro fundamentalmente, e a serem entretidas por isso, a pensarem no que nós lhes estávamos a mostrar e aí realmente é que me apaixonei por fazer teatro de rua, quando de repente tenho a oportunidade de não só encarar nos olhos o espetador como também de tocar-lhe.

Duarte Salgado

Quase que não...

Xavier Miguel

Epá!

Rúben Silva

Bom dia Duarte, boa tarde Duarte e João, estávamos aqui aqui a avançar um bocadinho não é, porque tínhamos aqui já gente à nossa espera e à vossa

espera e já explicamos que houve aqui um problemzinho técnico, bem vindos, Duarte e bem vindo João, olha eu fui convidado para fazer a ponte entre esta conversa que eu acho muito interessante e muito pertinente e assim que eu vos vi também no painel achei que isto seria [cortes no som] muito válida pela vossa experiência e por tudo aquilo que já têm feito pela rua que é louvável, já tínhamos falado aqui com o Xavier, o Xavier fez uma introdução [Xavier Miguel - uma introdução histórica] do seu percurso quer regional quer a nível nacional e falou um bocadinho da história, já tivemos aqui história, a história do teatro, já fomos a antes de Cristo, para teres uma ideia, e agora temos a oportunidade de falar com vocês, vamos saber um bocadinho de vocês, um bocadinho de ti João e um bocadinho do Duarte, quem são e o que gostam e para começar um bocadinho se calhar sobre o vosso percurso, muito resumido, só para as pessoas que não estejam a reconhecer, o Duarte e o João fazem parte, como de mil e uma coisas que fazem de alto nível, daqui dos Camachofones [cortes no som]. Então começaria se calhar pelo João.

João Góis

Peço desculpa tivemos aqui...

Rúben Silva

Ficaste sem som, tens de clicar para o som.

Duarte Salgado

Sim, sim, sim.

Rúben Silva

Ah porreiro, chegaste a me ouvir?

João Góis

Sim, estou a ouvir estou.

Rúben Silva

Ok, João uma breve introdução sobre ti, para além de, és professor não é?

João Góis

Ehhh, mais ou menos. No que tem a ver com a arte de rua, eu estava a fazer um mestrado em musicoterapia em Lisboa e surgiu uma oportunidade de fazer um trabalho, a proposta no mestrado era arranjar uma comunidade musical ou uma comunidade, que tivesse, para fazer uma análise, ou um grupo ou uma banda que fosse conhecida, e eu propus-me a fazer sobre arte de rua, e entretanto saí com uma câmara a filmar artistas de rua e entretanto vejo uma coincidência engraçada, um trompetista a tocar mas por trás de uma máscara, ele tinha uma máscara muito engraçada, ele metia o bocal e estava a tocar, e eu de repente estava a filmá-lo e ele diz-me “Ei, fala comigo” e pergunta-me “Ah trompetista”, e então fui a ver que era um rapaz que eu tinha conhecido no Porto, ele estudava Belas-Artes e tocava trompete, e então falei com ele e foi um dos entrevistados para o meu trabalho sobre a arte de rua, e entretanto aí em Lisboa eu pedi-lhe que fizesse uma máscara para mim, que me fizesse uma máscara e fui para rua também de máscara tocar e aí tive a minha primeira experiência, assim, nua e crua do que é a arte de rua, o que é a sensação de liberdade total, porque ninguém me conhecia, e ainda por cima no início eu usava a máscara e estava a tocar por trás de uma máscara, passei por situações difí...

Rúben Silva

O que ainda era mais livre, não é? O que ainda dava, se calhar, uma liberdade maior, talvez? Ninguém te reconhecer...

João Góis

Pois , o facto de ning... mesmo que eu tivesse sem máscara ali em Lisboa ninguém me conhecia, podiam ser raras as exceções, mas foi uma experiência bastante forte, eu sei que andei, houve dias que saí com a trompete e com a máscara para conseguir tocar e nunca ... fui andando, andando e nunca conseguia ter realmente coragem de o fazer e de encontrar um canto onde o pudesse fazer, lembro-me que houve uma... fui andando até que anoiteceu e então toquei um pouco na rua Augusta mas já as lojas fechadas, já o movimento quase, quase ninguém passava e foi muito curioso apareceu uma pessoa que fez um filme comigo a tocar e depois apareceu um músico que disse, bem mas tu não vais tocar aqui, aqui não consegues fazer nada a esta hora, porque é que não vais para os bares tocar e essas coisas todas, mas entretanto, tenho de resumir, foi assim o início da arte... de tentar fazer arte de rua e aquilo que aprendi com o Yao, que era o tal trompetista de artes plásticas, era muito engraçado porque o Yao estava por trás de uma máscara e há uma relação com o fazer arte de rua mas ninguém vai fazer arte de rua sem estar também a contar com aquilo que é a gratificação que o público dá, essa gratificação que o público dá é, tem muita, as estratégias que as pessoas fazem e criam para ganhar algum dinheiro, são incríveis, numa cidade como Lisboa encontrei situações desde as mais bizarras, mais, lembro-me de um fadista, era um senhor que estava a tocar fado mas era uma situação só mesmo de expressão de dor e tristeza profunda, mas aquilo era uma teatro, entre aspas, que ele fazia porque ao lado dele estava um senhor de fato que, sempre que caia uma moeda tipo de

um euro, ou um euro para cima, ele tirava e só deixava as moedinhas pretas para dar aquela situação de pena.

Rúben Silva

E que preciso mais, por que só tenho...

João Góis

Existe uma fronteira que a arte de rua vai tocar, que tem a ver com a mendicidade ou arte de rua e aqui, porque há situações, mas esta fronteira também serve um pouco para definir o que é arte de rua, porque arte de rua é fundamental que exista aquela gratificação espontânea do público, isso faz parte, porque se não...

Rúben Silva

De uma forma livre e democrática, que já falamos aqui da importância que é, dá democratização das artes de rua.

João Góis

Essa situação tem muita importância e vai ficar naquela fronteira que as pessoas, algumas pessoas fazem sobretudo nas cidades grandes, que é estar com uma melodicazinha, a fazer uma melodia só para chamar a atenção, mas aquilo é um pouco, uma coisa que tem a ver com comunicação e que vai às nossas origens, que o caso daquele apelo do choro, aquilo é quase um choro que as pessoas estão a fazer na rua e isso está puramente encima daquela linha entre a mendicidade e a arte ou a aldrabice que também há muita.

Rúben Silva

O problema desta área é que aparece essa terceira personalidade, vá lá, em jeito de aldrabice, e também vemos isto, principalmente nas grandes cidades.

No entanto falaste aqui de uma coisa muito importante, que ainda não tínhamos se calhar, até abordado, que é essa linha e essa fronteira, fundamental que se perceba, que existem artistas que se calhar começam com arte de rua, porque é realmente onde se sente livres, e que querem passar uma mensagem, que querem comunicar, ao fim ao cabo o mais importante de tudo, é mesmo a comunicação e transmissão de mensagens. Mas depois, acabam por, como precisam disso para viver, viver a vida, acabam também por arranjar essas técnicas. Achas que essas técnicas, para angariar mais dinheiro, podem castrar um bocadinho a liberdade de expressão do artista?

João Góis

A liberdade de expressão do artista, isso é outra questão, porque essa liberdade que se fala, se a gente falar de, o que é a liberdade, é porque nós nunca estamos realmente livres, é lógico que, o quotidiano, a repetição, o precisar daquilo para viver, quanto mais importante é, mais existe esse perigo, no entanto, há uma coisa que vai fazer a diferença, vai ser a qualidade daquilo que se está a apresentar às pessoas, aí é que faz a diferença toda, porque a liberdade só pode vir daí, da qualidade do trabalho que se faz. Uma pessoa ir para a rua com os mesmo respeito que vai para um teatro, ir para a rua com respeito pela sua própria arte, só que, o quotidiano e a rotina, é difícil, mas é difícil em todas as áreas do mundo...

Xavier Miguel

Isso qualquer artista tem de estar constantemente a reinventar-se, não só os de palco, mas os de rua também.

Rúben Silva

Duarte, palavra do sr. Duarte, toda a gente conhece, tão bem...Ainda ontem te vi a tocar, diz-me lá tu, aquilo que te trouxe para... foi um coincidência a tua chegada às artes de rua, ou não?

Duarte Salgado

A arte de rua... Provavelmente das primeiras experiências assim de ir tocar para a rua, como se fosse uma experiência, foi com o João, depois de termos feito a inauguração do ART'Camacha, e nessa altura tinhas quatro barrones, e tinha a bateria e depois tínhamos alguns sopros da banda, cá da Camacha, depois a seguir, passado sei lá, talvez um mês, acabamos por, o João disse "ah e tal e se fossemos até ao Funchal, que costuma haver cruzeiros, quem tá a tocar na rua é sempre pessoal de fora, não encontras cá pessoal local a tocar, sem ser aquele ceguinho que já morreu à uns anos, e então a primeira experiência foi logo com Camachofones. Depois a seguir, não sei passados quantos anos, talvez dois anos, ou um ano, uma coisa assim, recebi um instrumento diferente, que o pessoal conhece como hang drum , parece um ovni, e acabei por experimentar tocar cá na Madeira, cheguei a tocar no Porto, e cheguei a tocar em Lisboa, em Lisboa não era tão fácil, mas era uma experiência completamente diferente dos Camachofones porque estava sozinho, principalmente num lugar que nós não conhecemos é diferente. É uma experiência diferente.

Rúben Silva

Mas também dá-te mais estaleca, ao fim ao cabo, não?

Duarte Salgado

Também, também. E eu gosto sempre de um bom desafio.

Rúben Silva

Olha, eu acho que lembro-me, corrijam-me se estou errado, voltando a vocês, eu lembro-me da primeira vez que apresentaram, penso que foi oficial os Camachofones, não foi no ART'Camacha? Ou estou enganado?

Na altura eu fui convidado também a apresentar o festival, e deixem-me que vos diga que na altura, quem estava em palco, estava de boca aberta porque realmente, não só a estranheza do instrumento em si, que é o tubofone, se não estou em erro, como também a qualidade de todos os músicos envolvidos, que nem sempre é fácil, e nós costumamos ver, além fronteiras, vários grupos, mas não é fácil encontrar grupos de música, corrijam-me se eu estou errado, com tanta gente, não é assim? Como é que vocês conseguem criar esta.... É difícil manter esta união, e o que vos motiva, é a mensagem que passam, ou o simplesmente o amor que têm pela música?

João Góis

Olha, eu acho que fundamentalmente o que fez que a gente tivesse vontade de ... que nos tem alimentado até agora, tem sido mesmo a receção do público, porque, contrariamente ao que às vezes as pessoas pensam, as pessoas quando no Funchal chegavam cruzeiros com americanos, alemães, ingleses, pessoal de todo o mundo, brasileiros... Uns músicos, outros artistas, a gente já encontrou de todo o tipo de coisas, e alguns tornaram-se nossos amigos.

Fundamentalmente foi o público.

Uma vez um senhor alemão, era mesmo no início, perguntou porque é que, perguntou pelo CD, ele queria comprar-nos um CD, e eu disse que não tinha, e ele ficou assim, “mas como não? De que é que estão à espera?”... Deu-me a morada e disse assim, vocês que enviem o CD que eu pago, e basicamente, quando se tem um receção do público como nós tivemos... Nós vivemos anos fantásticos de ter, no fim de um dia de atuação, que durava duas, três horas....

Passavam por nós, centenas e centenas, a gente chegava a um ponto de fazer um círculo completo, estava o círculo montado à nossa volta, havia um círculo completo de público, e uma energia incrível, porque as pessoas não estavam à espera, não estavam à espera de encontrar aquele grupo na rua, e elas manifestam-se espontaneamente e era uma belíssima energia...

Lembro-me de estar tão cansado, tão cansado, mas de querer sempre tocar mais, querer continuar a tocar mais, mesmo que já não conseguia tocar mas, queria tocar porque era um prazer enorme.

Rúben Silva

É uma adrenalina, mas a vossa música também é propensa a isso, porque é uma energia incrível que vocês impõem na música e isso rapidamente percebe-se e lá está, eu senti nessa apresentação, a primeira apresentação oficial que vocês fizeram, que a energia, era ali um clique automático.

Olha, mas a gente vai tentar seguir.

Tínhamos aqui algumas linhas orientadoras, não sei se vocês se lembram no email que foi enviado, sobre algumas questões que eram pertinentes.

Acho que no fundo, o que se tenta aqui é comunicar um bocadinho mais sobre aquilo que são as artes de rua, e a opinião, principalmente vossa, sobre tudo o que isto engloba.

O Xavier já respondeu aqui, desculpa Xavier, mas vamos aproveitar um bocadinho outra vez o João e o Duarte, já falamos aqui sobre várias questões...

Artes de rua para quem? É uma das questões que se coloca.

Porque é que vocês acham, não só na vossa área da música, mas também por aquilo que viveram, pelos sítios por onde passaram, para quem é que vocês acham que as artes de rua são?

João Góis

A arte de rua vai preencher algum espaço daquele que passa na rua e há uma reverberação em relação aquilo que estamos a fazer. A pessoa sente-se atraída por aquilo e se gosta fica a ver, e há outras pessoas que passam na rua, com aquela frieza, e sempre com aquela coisa de “tenho mais que fazer”, e passam sempre... No que diz respeito a energia aquilo é, uma árvore seca, as pessoas vão sempre fechadas naquelas vidas e naquele quotidiano, e também passam por nós. E é muito bom quando há aqueles que mesmo trazendo essa capa, param mesmo, bem, isto é bem curioso, e isso também é uma libertação de energia fantástica, de conseguireis quebrar a rotina das pessoas...

Rúben Silva

Uma das questões que também nos é lançada aqui pela equipa do Teatro Municipal Baltazar Dias, é precisamente esta:

Como valorizar iniciativas espontâneas e relativas das artes de rua?

Como é que vocês acham que isso pode acontecer?

João Góis

Há uma coisa que é valorizar e sermos concretos sem hipocrisias sem nada é, de vez em quando nos convidar para os festivais e acontecimentos que fazem aqui na Madeira, isso é uma forma direta de valorizar, eu sou muito racional e muito matemático, porque o nosso contributo à cidade, quando nos convidam para participar num festival, já tem acontecido, quando nos convidam essa é uma forma direta de valorizar, e ver que nós podíamos talvez fazer outras coisas, e desenvolver o nosso som também no palco, também com som. Se nós já temos power assim acústico, quando a gente tem um bom técnico de som, a gente já encheu a praça, antes da pandemia em Santa Cruz, a praça encheu. Agente começou a tocar, não estava quase ninguém, e ficou a praça cheia. Porque a nossa música... o valorizar passa por aí, passa por concretamente gestos, como este de convidar e de valorizar o nosso trabalho, aquilo que tem valor. Também não obrigo ninguém a gostar.

Xavier Miguel

Eu não sei se agora estamos a fazer a mesma questão para todos ou se tu vais orientando.

Eu por acaso estava a pensar na questão da valorização, porque há um pormenor que tem haver com... nós hoje em dia vivemos na era do digital, e por isso, o registo, apesar de não ser tão sólido como era antigamente, é importante. E isso também é valorizar o trabalho, ou seja, saber que aconteceu, saber que já se fez, porque isto nas artes de rua, acontece muito aquela coisa do “ah, eu estou a fazer pela primeira vez”, e ainda para mais num espaço pequena da ilha da Madeira, e se calhar já se fez, nos anos sessenta, setenta, etc., e é importante haver registos, para por exemplo, a imagem dos Camachofones a atuar nas ruas do Funchal, passe para os outros sítios, não é? E essa parte também é importante, essa valorização, e passa pelas redes sociais, os sites, das entidades que organizam e

dinamizam, não só eventos, como também que gerem espaços como restaurantes, cafés etc., poderem dinamizar toda essa dinâmica artística que se vive nas cidades, e no campo, porque nem só na cidade se faz arte de rua. Essa valorização acho que também é muito importante, e não é só valorização da carreira e da entidade, seja banda, seja companhia de teatro, seja o que for, mas a valorização da imagem do artista.

Rúben Silva

Agora muito assim para cima, isto não está nas linhas orientadoras que o teatro perguntou, mas assim como todos nós aqui no painel temos liberdade de falar sobre assuntos que não tenham que seguir estes padrões todos. E umas das coisas que eu vos queria colocar é, como é que vocês viveram, e ainda vivem esta questão desta pandemia, se realmente, porque foram muito afetados como é óbvio, e os apoios que vocês sentem que eram precisos, ou se sentiram apoiados, se não se sentiram apoiados e aquilo que achavam que deveria ter acontecido, ou que ainda deve acontecer, porque estamos no meio da pandemia ainda, não foi embora.

Duarte Salgado

Da minha parte, a nível de apoios foi basicamente nenhum, mas como sou freelancer, toco sempre com pessoal diferente, há sempre um montante que chega passado dois meses, ou passado um mês, então olha, foi o que deu para ajudar, a nível musical fiz algumas coisas, não fiz assim... foi tipo umas férias, mas não foi bem umas férias, mas acabei por tirar umas férias da música, ou neste caso de certos instrumentos, e pus-me a praticar outros, que eu não consigo estar quieto, e passado aquela parte do confinamento, até à semana passada, de vez em quando passo na rua, e tenho sempre pessoal que me reconhece, por causa dos Camachofones e pessoas que eu

não conheço de lado nenhum, vêm-me perguntar, “ah, vocês nunca mais tocaram aquilo dos tubos, aquilo era tão bonito, quando é que vocês voltam à cidade?”

Eu por acaso tenho ouvido isso muitas vezes. Agora nós estamos a trabalhar de maneira diferente, como penso que isto vai demorar um pouco para nós irmos tocar para a rua, por causa das regras, e agora estamos a trabalhar noutra material, talvez mais para palco, músicas novas, arranjos novos, instrumentos novos, tem sido agora a nossa meta, é por aí, e um dia de cada vez.

João Góis

Nós agora, tivemos que parar, não é, por tudo aquilo que o Duarte já falou e isto é uma situação muito complicada porque ajudar, toda a gente precisa de ajuda, toda a gente, é universal. Eu próprio tive dois meses sem tocar, e depois quando recomecei a tocar, e recomeçamos aos ensaios, a ideia foi, olha vamos fazer músicas novas, e algumas delas são mais exigentes, são mais complexas, e vamos tentar que no futuro a gente mereça um lugar que as pessoas nos deem um lugar e as oportunidades para tocar. Porque para nós fazermos arte de rua agora, nós precisávamos de realmente de apoio, porque se nós ficássemos a vender, a sobreviver só da venda dos CD's, nós íamos passar muito mal, porque há muito pouco turismo, nós não temos turismo na rua que faça aquelas centenas, que às vezes estavam à nossa volta, onde sempre alguns compravam, e agora isso é impossível, nós para irmos para a rua, tínhamos de ter um apoio, tinha de haver esse reconhecimento por parte das entidades que o podem fazer, dizer, olha nós vamos subsidiar um pouco, para vocês fazerem algumas atuações porque queremos manter um ambiente na rua, que nós pudermos dar. Caso contrário a gente tá a trabalhar por amor próprio.

Rúben Silva

Estão a trabalhar ao fim ao cabo na criação, não é assim? Estão a aproveitar, e isso, essa criação não vos dá sustento, não é verdade?

João Góis

Não mesmo.

A criação não dá sustento, mas a esse nível há muitas situações difíceis, difíceis mesmo.

Rúben Silva

Vamos esperar que esta pandemia passe rápido, que está a afetar muitos quadrantes, muitas pessoas, não sei Xavier, da tua parte se queres dizer também alguma coisa, sobre como passaste esta fase, para depois terminarmos.

Xavier Miguel

O que eu posso referir é, o que já todos sabemos é claro que cancelaram-nos os trabalhos todos, adiaram os eventos todos, isso já todos sabemos, ficamos sem trabalho uns meses, mas isto, o lado bom, a meu ver, e também para tentar ter uma perspetiva mais positiva sobre o covid, isto também nos permitiu redescobrir-nos, porque neste momento, nós, o Teatro Bolo do Caco, estamos com diversos projetos, ligados às redes sociais on-line, e ligados mais à literatura, que não tínhamos tido possibilidade de explorar antes, e por isso, quando se fecha uma porta, abre-se uma janela. Mas também vejo esta pandemia como uma nova oportunidade para as artes de rua, porque hoje em dia, para poder assistir a um espetáculo, num palco,

num auditório, num teatro, onde seja, temos de deixar uma cadeira de lugar entre os outros, a lotação ficou reduzida a metade, as pessoas têm de assistir com máscaras, e muitas vezes, para poderem assistir na rua, não têm obrigatoriamente de usar máscara, apesar de terem de cumprir o distanciamento social e todas as demais regras de segurança que estão assentes na individualidade e na consciência de cada um, eu acho que é uma nova oportunidade. Eu acho que nós temos de criar mais espetáculos para a rua, para que as pessoas possam assistir com maior conforto.

Rúben Silva

Nós temos de finalizar, que já nos alongamos, temos aqui mais coisinhas para falar, isto durava imenso tempo. Havia muita gente que também podia-se juntar a nós neste painel, porque os artistas de rua aqui na Madeira são imensos, são tantos, faltaria-nos aqui talvez, mais à frente tenho a certeza que se calhar vão surgir mais oportunidades destas de debate, no que diz respeito às artes plásticas, também tem um grande espaço na rua, a dança, mais pessoas da música, do teatro, na verdade tenho assistido nos últimos anos a coisas incríveis que se tem feito na rua, quer por inspiração, quer por agentes locais e artistas locais, quer por pessoas que vêm de fora. Há aqui uma questão fulcral que penso que poderíamos terminar, e eu pedia que fossem muito breves que é:

Na vossa perspetiva qual é o potencial da Madeira enquanto destino cultural no que diz respeito às artes de rua também?

Toda a gente sabe que tem um clima incrível e não sei se querem deixar aqui alguma opinião, alguma palavra sobre esta realidade, porque quer queiramos quer não, todos os artistas, tenho a certeza que já tiveram colegas vossos que chegam à Madeira e dizem o mesmo, tem um potencial incrível, o clima é bom o ano inteiro e é uma ilha turista, então, se calhar

devia haver mais espaço, e criar-se aqui mais condições para que isso acontecesse.

Qual é a vossa opinião sobre isso, para fecharmos também esta conversa agradável.

Xavier Miguel

Para tentar ser breve, dois pontos:

1. Eu acho que temos de explorar cada vez mais a nossa costa, por exemplo, trabalhar mais a nossa identidade enquanto artistas e deixar de tentar copiar modelos, ou seguir modelos, tentar inspirar-se mais no que é que faz de nós madeirenses, em vez de replicar modelos que já são feitos à sessenta anos noutros lados.

2. É talvez tentar mudar o paradigma em relação ao turismo, e a arte de rua vai florescer na Madeira quando, na festa da flor deixarmos de ter raparigas a passear e a tirar fotos com os turistas, e darmos esse trabalho a um artista de rua que possa mostrar o seu trabalho na Avenida Arriaga, ou noutra rua qualquer, por exemplo.

É um paradigma político, da parte do governo regional e de muitos municípios, eu penso que tem de evoluir um pouco.

Duarte Salgado

Da minha parte eu acho que o que é necessário mesmo, cada um tem de puxar por si, também, claro que é preciso ajudas mas se uma pessoa não faz por si, também não vais para lado nenhum.

Por isso, eu acho da minha parte que agora, cada um tem de mostrar o que melhor sabe fazer, e tem coisas que não conseguimos controlar, não

sabemos se vai vir mais gente, se não vai vir mais gente, se as pessoas vão gostar, se não vão gostar, isso depende de muita coisa.

Rúben Silva

E foi esse lema que te levou até onde estás agora, e uma das pessoas que mais trabalha na rua.

João, por favor.

João Góis

Eu acho que a Madeira tem um potencial imenso para se desenvolver, eu lembro-me de que, o ambiente que se gera, com.... Encontramos já imensas pessoas ligadas às artes de forma profissional, americanos... de todo o lado, e o que eu acho é que as artes deviam-se abrir... a orquestra devia tocar, fazer um concerto às onze da manhã no teatro, e não sempre a mesma coisa, à noite, e lá vão os senhores fazer um concerto...

Durante o dia se calhar iam ter mais público, e público diferenciado, eu digo isto em relação à orquestra ou em relação a qualquer coisa... Nós devíamos mesmo mudar um pouco os horários das artes e o conceito que nós temos da cultura aqui na Madeira. Devíamos ter uma cultura mais dinâmica e mais moderna, pode haver concertos interessantíssimos, profundos, às dez da manhã, não tem que ser só à noite, e acho que quando temos milhares de pessoas, e pessoas cultíssimas, nunca vi nenhum madeirense reconhecer um tema do Charlie Parker quando a gente está a tocar, mas turistas, reconhecem muitos, “eh isso é do Parker”, ou reconhecem a musica que a gente... sabem aquelas que não são originais, sabem de onde é que são, e eu gostava muito que a gente conseguisse aproveitar esse saber dos turistas, a gente pensa muito no que é que vamos mostrar de melhor, mas esquecemo-nos muito do que os turistas têm para nos ensinar, pessoas que

vêm de cidades com outro tipo de evolução, outro tipo de cultura social, e se nós ouvíssemos um bocadinho mais o que eles têm a dizer, nós aprendíamos muito e evoluíamos como sociedade, porque as artes de rua não podem ser separadas do resto, das outras artes, nem são artes de rua só porque acontece na rua, mas ver uma coisa com um olhar mais moderno, nós podemos dizer, ah você gosta deste género, hoje vai haver um concerto de jazz em tal lugar, nós como estamos na rua, nós temos um potencial, nós Camachofones, para ser divulgadores de festivais, nós estarmos a vestir a pele de, “olhe vai acontecer este festival”, porque nós estamos na rua e sermos, fazemos aquilo que os média fazem, que a televisão faz, mas fazemos esse papel na rua.

Porque as pessoas que param para nos ouvir, já sentem uma empatia, e isso é importantíssimo, e é um potencial que espero que as pessoas vejam que não precisa ser sempre tudo igual, os concertos sempre às nove ou às nove e meia da noite no teatro, trazer a cultura...

Eu já vi concertos no campo, pessoas simples extremamente emocionadas, depois de ouvirem compositores eruditos.... Agradecerem profundamente à uns anos atrás, organizávamos no ART'Camacha, na igreja antiga, vir um senhor velhinho, dizer “muito obrigado, muito obrigado”...

Rúben Silva

E talvez nem sabia quem era o autor, de quem era a peça mas aquilo tocou-lhe, o vosso trabalho comunica e isso é mais importante, acho eu. Temos mesmo de terminar, o Tiago está-me aqui a passar sinal, eu vou fazer este agradecimento em nome do Teatro, mas fui um mero convidado para fazer esta ponte, e dizer que gostei muito daquilo que ouvi e acho que isto tem muito pano para mangas e acho que mais artistas se podem juntar a momentos destes para debater a arte de rua, ver as diferentes opiniões, e o mais importante disto é realmente as visões de cada um, que são diferentes

e acho que todas juntas pode trazer algo de bom e de mais positivo. Essencialmente acho que todos ficamos para já, não é que seja alguma coisa conclusiva, mas há uma coisa que liga que é importante mais valorização para as artes de rua, comunicarmos sobre aquilo que acontece na rua, a partilha, é importante o apoio, mas mais importante que tudo, e há uma única certeza que parece que fica é que os artistas é que, independentemente da visão, do apoio que vão tendo, não vão parando, que como é os vossos casos, mesmo sem estar a receber continuam a trabalhar , e acho que há bem poucas áreas no mundo onde isto acontece, trabalha-se mesmo sem receber, só porque sim, e porque acreditamos no amanhã e eu também acredito que as artes de rua têm um grande espaço e daqui a vinte anos vamos estar a falar duma realidade completamente diferente, muito por culpa de vocês, e todos os artistas que trabalham nela de forma tão talentosa e profissional, porque não deixa de ser profissional, e não é marginalizar e já passou o tempo em que, “ah aquele está a tocar na rua, aquele é um coitadinho, que fica mal visto”, acho que vocês estão a partir pedra, todos os artistas de rua estão a partir pedra porque estão a desmistificar essa questão, estão a descodificar um bocadinho a imagem de que quem está na rua é marginal. Não é assim, obrigado a todos por esta partilha e acho que podemos concluir.

Um abraço para todos vocês.